

Vitae inaugura escola itinerante na BA

Crianças terão aulas em casa e na escola em períodos alternados no Recôncavo Baiano

LINA DE ALBUQUERQUE

SALVADOR — O requisito básico para um aluno matricular-se na Escola Rural Wolf Weinberg, inaugurada oficialmente na sexta-feira em Mata de São João, município do Recôncavo Baiano a 65 quilômetros de Salvador, é pertencer a uma família cuja renda seja equivalente ou inferior a um salário mínimo. Criada para atender a crianças carentes de seis a dez anos da zona rural, a nova escola surgiu na esteira de experiências educacionais recentes promovidas pela Fundação José Carvalho.

Desta vez a Vitae, sociedade civil sem fins lucrativos, mantida pela Fundação Lampadaria, decidiu repartir com a Fundação José de Carvalho os custos do projeto — uma cifra do vulto de US\$ 3 milhões. O objetivo da escola, segundo o seu primeiro idealizador, o empresário José Corgosinho de Carvalho Filho, presidente da Ferro Ligas da Bahia S/A (Ferbas), é promover uma educação não-alienante, atenta às necessidades específicas dos moradores da zona rural. Mas sem paternalismo.

MÉRITOS

Na opinião do empresário José Mindlin, presidente da Metal Leve e membro do conselho consultivo da Vitae, um



Alunos da Wolf Weinberg: renda familiar inferior a um salário mínimo

Vitae

dos maiores méritos da escola é a sua natureza auto-sustentável. Ou seja, espera-se que no futuro ela consiga manter as suas despesas com a produção de leite e ordenha de gado. Concebida para atender a 1.020 alunos entre a primeira e a quarta séries, a Wolf vem sendo testada desde maio, com alunos recrutados entre as famílias mais pobres da região rural. Como acontece na Escola Tina Carvalho, montada há quatro anos no município de Entre Rios, também no

Nordeste baiano, o ano letivo da Wolf é dividido em dois períodos — de um e dois meses intercalados, em que as crianças permanecem na escola e em casa, respectivamente.

A Wolf Weinberg foi estruturada dessa forma em razão das grandes distâncias que os alunos são obrigados a percorrer e da sua ajuda indispensável à família, principalmente em épocas de plantio e colheita. Quando a criança retorna a casa, o acompanhamento fica a cargo dos profes-

sores itinerantes (veja ao lado). Por enquanto as duas escolas dispõem de apenas seis professores para esse serviço, o que talvez limite um pouco o avanço do projeto.

"EDUCAÇÃO NATURAL"

Segundo Marilena Ferreira, coordenadora pedagógica da Fundação José Carvalho, o método da escola tem por fundamento a "educação natural", isto é, não adota cartilhas fixas, a exemplo da metodologia construtivista da edu-

cadora Emilia Ferreiro. No entanto, a escola conserva traços de rigidez do modelo tradicional. Em regime de internato, as crianças só podem, por exemplo, desfrutar do parque, no pátio externo, aos domingos. Somente nesse dia da semana, a visita da família é permitida. Há filas para tudo, até para escovar os dentes.

Uma grande preocupação, segundo a diretora da Wolf, Rosanete Fernandes, é não atrair para a escola todas as crianças da família de uma única vez. "A mão-de-obra dos filhos é essencial para a renda familiar", diz ela. A "professora de tudo" (substituta na escola e na zona rural) Christiane Almeida lembrou que o choque cultural é intenso nos primeiros meses de convívio na escola. Muitos chegam a achar que estão num hospital. "Alguns alunos nem sabem usar o banheiro e ficam de cócoras em cima da privada", observou. Além de introduzir em casa técnicas de horticultura, afirma o professor Luís de Deus, as crianças ensinam aos pais novos hábitos de higiene, como escovar os dentes.

O nome da nova escola, ainda difícil de ser pronunciado pela maioria das crianças, é uma homenagem ao marido de Regina Weinberg, diretora-executiva da Vitae e da Fundação Lampadaria, morto em 1985. À inauguração compareceram o professor Antônio Cândido, José Israel Vargas, vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências, e Paul Hirsh, diretor geral da Lampadaria, a mantenedora da Vitae.